

A QUESTÃO AGRÁRIA

META

Analisar as diferentes faces do espaço agrário

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

compreender as diferentes concepções do campesinato
Analisar a importância do pensamento de Chayanov para existência do campesinato
Identificar as especificidades camponesas

PRÉ-REQUISITOS

Ter noção das discussões a respeito da questão agrária a partir da contribuição de Kautsky, Lênin e Chayanov.



Mulher desfolhando milho. A desfolhada é um trabalho agrícola em que se retira a espiga do milho. É um trabalho duro e cansativo para os que trabalham no campo. (Fonte: <http://farm2.static.flickr.com>).

INTRODUÇÃO

Olá queridos alunos! Agora que já tem uma noção sobre a origem da agricultura e ao mesmo tempo, que compreendeu o processo de formação econômica do Brasil, iremos estudar as principais questões agrárias que tem servido como eixo norteador da disciplina geografia agrária e de áreas afins. Assim vale questionar. Será que ainda existe o campesinato em pleno século XXI? O que caracterizar o camponês?

O sistema econômico vigente no século XXI é caracterizado pelo modo de produção capitalista baseado na exploração do trabalho e na acumulação do capital monopolista, assim como pelo antagonismo existente entre a burguesia e o proletariado. No entanto, de forma contraditória, existem na sociedade capitalista relações de trabalho pré-capitalista reflexo do processo de negação/exclusão do próprio sistema que se renova estrategicamente com a finalidade de fortalecer a estrutura desigual da sociedade capitalista.

Baseado em Kautsky (1980, p.25) “*o modelo de produção capitalista não constitui a única forma de produção existente, na sociedade de nossos dias*”. É claro que tal afirmação corresponde a sociedade do início do século XX, mas pode apropriar-se deste pensamento e estendê-lo aos nossos dias. Nesse mesmo contexto, vale ressaltar que ainda existem restos de formas de produção pré-capitalista como sinônimo de resistência do campesinato em meio de um sistema econômico que sufoca e desenvolve estratégias para não permitir a existência de outro modelo econômica que não atenda aos interesses do capital.



(Fonte: aaz-nj.blogspot.com).

AGRICULTURA DIANTE DO PROCESSO DE EXPANSÃO

Com a finalidade de conseguir atingir os objetivos propostos para aula de hoje, iremos buscar os clássicos que discutem a evolução das questões agrárias, assim como autores contemporâneos que estudaram profundamente os mecanismos de funcionamento da agricultura diante do processo de expansão do sistema capitalista. Kautsky (1980) ao abordar a questão agrária deixa transparecer que Marx não foi feliz ao discutir a tendência evolutiva da agricultura diante do processo de expansão do sistema capitalista. Assim é relatado por ele,

“Dentro do que posso julgar, as deduções de Marx não podem ser transportadas, tais quais são, para o domínio da agricultura. (...) Mas sua teoria do desenvolvimento, que pressupõe o crescimento da grande exploração, a proletarização das massas, e que deduz dessa evolução, como consequência necessária, o socialismo – essa teoria só é clara para o domínio industrial” (p.27).

Diante da discussão dos clássicos a respeito da evolução e dinâmica da agricultura, há um consenso quanto a diferença processual entre a agricultura e a indústria, tendo em vista que a agricultura tem leis próprias, mas isso não significa que ela seja antagônica a indústria, pelo contrário, são complementares. Baseado em Kautsky (1980) quando argumenta sobre os estudiosos da agricultura que buscam a teoria marxista para fundamentar seus trabalhos de pesquisa, chega a seguinte conclusão.

“De resto, a teoria marxista do sistema de produção capitalista não consiste simplesmente em reduzir a evolução deste à fórmulas – Desaparecimento da pequena exploração diante da grande – que, uma vez decorada, nós pudesse por assim dizer no bolso a chave do edifício da economia moderna” (p. 28).

Ao mesmo tempo que reforça tal pensamento quando diz,

“Se se deseja estudar a questão agrária segundo o método de Marx, não se deve equacionar apenas o problema de saber se a pequena exploração tem ou não futuro na agricultura. Deve-se, ao contrário, pesquisar todos as transformações experimentadas por esta última no decurso do regime de produção capitalista. Deve-se pesquisar se e como o capital se apodera da agricultura, revolucionando-a, subvertendo as antigas formas de produção e de propriedade, criando a necessidade novas formas” (KAUTSKY, 1980, p.28).

Portanto, está demonstrado que a grande discussão sobre a teoria de Marx não deve ser sobre sua aplicação ou não à agricultura, mas o foco de análise seria sobre a importância de enxergar a captura do espaço agrário pelo capital de forma desigual e combinada gerando desequilíbrios sociais no espaço agrário mundial, principalmente nos países em desenvolvimento.

De forma geral o sistema de produção capitalista origina-se primeiramente nas cidades e conseqüentemente nas atividades industriais, com isto, as atividades rurais passaram um longo período sem sofrer a influência direta do modelo de produção capitalista. Nesse contexto, as características das famílias camponesas da Idade Média eram marcadas pela produção de gêneros alimentícios para o autoconsumo, mas também construíam suas casas, seus utensílios domésticos, fabricavam grosseiramente suas roupas, dentre outras atividades que proporciona maior autonomia e segurança diante das adversidades naturais, sociais e políticas. Durante o período das lavouras fartas, o excedente era comercializado nas feiras para consumir, em geral, produtos supérfluo para sua necessidade. Como foi evidenciado por Kautsky (1980, p. 29) “do resultado do mercado poderiam depender a sua abastança e o seu luxo, mas nunca a sua existência”.

Com o intuito de reforçar o pensamento anterior, fomos atrás do pensamento de um economista conservador contemporâneo de Kautsky, denominado de Sismondi quando relatou que “onde quer que se encontrem camponeses proprietários, encontra-se igualmente a abastança, a tranqüilidade, a confiança no futuro, a independência que asseguram a felicidade e a virtude” (Sismondi *Apud* KAUTSKY, 1980, p. 29-30).

No entanto, essa tranqüilidade, segurança e felicidade estão sendo cada vez mais ameaçada pela introdução do modelo de produção capitalista, agora no campo, com novas técnicas de produção e novas concepções de trabalho que aproximou progressivamente o modo de produzir e consumir da cidade no espaço agrário.

Os filhos dos camponeses começaram a ter maior contato com o modelo de produção capitalista produzido na cidade, da mesma forma que o recrutamento militar também possibilitou a transferências de grandes contingentes de jovens camponeses para as cidades, familiarizou-se com os costumes urbanos, repercutindo em um processo de descamponização.

A partir dessa integração inicial, acelerou a dissolução da pequena indústria camponesa pré-capitalista que produzia para o auto-sustento, sendo lentamente substituída pela expansão industrial urbana. Cabe refletir sobre as vantagens que o capital industrial urbano tinha e continua a ter sobre a influência que era exercida por meio dos veículos de comunicação, contribuindo para expandir os valores e os costumes, assim como a importância do modelo de produção capitalista para a sociedade moderna, se contrapondo ao modelo de produção camponesa e seus costumes, considerados por eles arcaico e ultrapassado.

Aliados aos meios de propagandas através dos jornais da época ainda existiam outros meios de comunicação que também contribuíram para acelerar o processo de expansão dos ideais capitalista, como abertura de estradas de ferro, rodovias, hidrovias, dentre outros. É claro, que se reportamos aos nossos dias, podemos citar também a revolução técnico-científica que aproximou a relação espaço-tempo contribuindo para integrar as pessoas, os costumes, economia, o sistema político por meio de um processo denominado de globalização.

As forças dominantes do capitalismo já eram discutidas e questionadas ainda no final do século XIX e início do século XX pelos estudiosos clássicos que pensavam sobre as disputas desiguais geradas pelo capital industrial urbano contra a indústria doméstica desenvolvida artesanalmente pelos camponeses. Assim podemos constatar através do pensamento de Kautsky,

“Só a indústria capitalista se reveste de tão grande superioridade, de molde a eliminar rapidamente a indústria doméstica do camponês que produz para o seu próprio uso. Unicamente o sistema de comunicações da sociedade capitalista, com suas estradas de ferro, os seus correios e jornais podem transportar as idéias e os produtos urbanos até os cantos mais recuados do interior, submetendo assim o conjunto da população agrícola, e não apenas os subúrbios das cidades, a esse processo” (1980, p. 31).

É importante destacar que diante da substituição da indústria doméstica camponesa pela indústria urbana, os recursos básicos que eram produzidos pelos próprios camponeses, agora passam a ser produzido em larga escala pela indústria urbana, subordinando o campo em relação a cidade por meio do capital que agora torna-se necessário para atender as necessidades, em parte, considerados importantes para a manutenção da família camponesa.

Diante do processo de transformação do espaço agrário em que a terra significa a segurança e a tranquilidade do camponês ao mesmo tempo que funciona como *locus* de trabalho e resistência, é paulatinamente negado ao camponês através da expropriação capitalista de produção, os camponeses são paralelamente transformados em proletários engrossando a fila de mão-de-obra de reserva, necessária para exploração da mais-valia. É nesse contexto que surgem as ligas camponesas que lutam em defesa e resistência do campesinato. Vale ressaltar que os conflitos agrários – que serão discutidos na próxima aula – surgem não somente para questionar a democratização da terra, mas também para lutar contra exploração do capital. Portanto, diante de várias conseqüências geradas pela transformação do espaço rural pode-se destacar o trabalho acessório em determinado período do ano como estratégica de sobrevivência e permanência do campesinato. A respeito dessa atividade complementar pode-se observar que

“O pequeno camponês arranja o tempo necessário para realizá-lo, pois a exploração de sua terra só lhe reclama os cuidados em determinadas épocas. Ele enfrenta as suas necessidades de dinheiro vendendo não o excesso dos seus produtos, mas o seu excesso de tempo. Representa no mercado o mesmo papel do proletariado, que nada possui” (KAUTSKY, 1980, p. 187).

Talvez devido ao caráter ideológico implícita no conceito da concepção do campesinato, que exista uma divergência de análise por diferentes intelectuais que se debruçaram para estudar a questão agrária. Assim, “o *campesinato existe por responder a uma necessidade social*” (ABRAMOVAY, 1992, p. 52). Daí, percebe-se a influência de autores clássicos como Chayanov e Jerzy que vão reforçar a existência e a importância do campesinato diante do modelo de produção capitalista. Tal concepção vai de encontro com as idéias defendidas por Marx, Kautsky e Lênin.

CHAYANOV E O STALINISMO



(Fonte: <http://www.ladoshki.com>)

Chayanov tinha plena consciência dos limites da ação autônoma do campesinato e não era, como veremos, adepto do isolamento e da autarcia. A preocupação central de sua obra não está em conservar valores e formas sociais antigas, mas em como promover a modernização econômica em ambientes onde estas formas são dominantes. Esta preocupação constante com a modernização da agricultura e do meio rural não impediu que, juntamente com

outros importantes cientistas agrários, Chayanov fosse acusado em 1930 de organizar um *Partido Camponês*, que teria de 100.000 a 200.000 membros e uma vasta rede em vários setores governamentais. Na verdade, como mostra Medvedev (1987:83),

“o Partido Camponês foi inventado para oferecer bodes expiatórios para a escassez alimentar e particulamente de carne”.

Vários cientistas foram imediatamente executados após “confessarem-se” responsáveis pelos problemas com o abastecimento de carne.

A repressão stalinista contrasta nitidamente com o fato curioso de que Lênin autorizou pessoalmente a edição do romance de Chayanov em 20.000 exemplares, o que suscitou, da parte dos bolcheviques,

muitas críticas pelo desperdício de papel em plena Guerra Civil... No início dos anos 1920 Chayanov confiava no sucesso da NEP, tanto é que, após viagem de estudos pela Inglaterra e Alemanha em 1922/23, ele volta à URSS e aí assume posto de direção no Instituto de Economia Agrícola. Em 1924 ele publica uma coletânea de seus textos, mas prefaciados por um jovem sociólogo bolchevique que o apresenta como expoente da ideologia pequeno-burguesa (nem capitalista, nem proletária). (Mottura, 1988). Durante os anos 1960, o nome de Chayanov aparece timidamente na *Enciclopédia Soviética*, sem a data de sua morte e com o pedido aos leitores de que se alguém tivesse informação a respeito, que informasse os editores da enciclopédia. Após cinquenta anos de ostracismo, os trabalhos de Chayanov agora serão reeditados em russo.

Texto extraído do livro Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão (Abramovay, 19992)

Os pesquisadores dos estudos agrários ao analisar as transformações que vem ocorrendo no campo, não podem conceber o campesinato a partir da criação ou recriação de conceitos que não correspondem as suas formas de vida. Baseado em Abramovay (1992, p. 58-59) “embora a unidade produção camponesa lide com trabalho, bens de produção e terra, disso não decorre a presunção de que ela gera salário, lucro e renda da Terra”.



(Fonte: <http://www.orebate-wesseryzago.blogspot.com>)

Portanto, depois de mostrar que a concepção de Marx a respeito da desintegração do campesinato e/ou seu fim, Abramovay sintetiza essa discussão da seguinte maneira: “(...) O campesinato não é simplesmente uma forma ocasional, ao contrário, mas que um setor social, trata-se de um sistema econômico sobre cuja existência é possível encontrar as leis da reprodução e do desenvolvimento”.

Vale ressaltar que o mecanismo de existência camponesa pode ser resumido na expressão “*balanço entre trabalho e consumo*” (Abramovay, 1992, p.60). Portanto, diferentemente do modelo econômico capitalista, na propriedade camponesa o critério de maximização da utilidade não é a obtenção da maior lucratividade possível em determinadas condições. Pelo contrário, o uso do trabalho camponês é limitado pela satisfação das necessidades familiares. É claro que essas necessidades divergem do anseio das empresas capitalistas.

CONCLUSÃO

Portanto, caros alunos, ainda no século XXI pode-se encontrar no núcleo da família camponesa os elementos específicos do campesinato, que não correspondem a racionalidade capitalista. A relação entre trabalho e consumo, a composição da família camponesa dentre outros, são características das decisões econômicas do campesinato que os distinguem das famílias urbanas industriais.

No entanto, não podemos negligenciar que o processo de modernização do campo por meio das agroindústrias tem alterado em parte a relação trabalho e consumo da família camponesa. Mas, em meio à contradição do capitalismo, coexistem no mesmo espaço agrário o velho e o novo de forma antagônica

RESUMO

O modo de produção capitalista é caracterizado pela racionalização do capital, gerando intensa divisão social do trabalho com o intuito de aumentar a produtividade para extrair a *mais-valia* do trabalho e conseqüentemente acumular riqueza. Porém, tal processo tem gerado exploração intensa da força de trabalho e exclusão daqueles que não se adequaram ao modo de produção e a funcionalidade do sistema capitalista, ao mesmo tempo em que tem produzido e ampliado às desigualdades regionais e sociais entre os países.

Não é novidade saber que o sistema econômico predominante em escala global é o capitalista. Mas, por outro lado, temos que entender que



contraditoriamente existem outros modos de produção. É nesse contexto que se evidencia o campesinato como *lôcus* de resistência e permanência durante o século XXI com o desenvolvimento interno de atividades pré-capitalista.

Assim, como foi visto ao longo da aula, a relação entre trabalho e consumo, a composição das famílias camponesas são características que os diferenciam do modo de produção capitalista assim como das famílias urbanas industriais.

ATIVIDADES

1. A partir das discussões sobre (re)criação do campesinato, elabore um texto fazendo uma relação entre os aspectos teóricos e práticos sobre o campesinato.

Obs. A parte prática da atividade, é você relacionar com os produtores agrícolas do seu município.

Será que eles são camponeses ou agricultores familiares ou mesmo empresário rural, latifundiário, etc.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Não esqueça que a concepção de campesinato não está relacionado apenas as características físicas da propriedade ou do agricultor. Mas também, ao modo de vida, os costumes, crenças dentre outros elementos que fazem parte das especificidades camponesa.

PRÓXIMA AULA

Prezados alunos, a partir do conhecimento sobre as questões agrárias, vamos estudar na próxima aula a origem do campesinato no Brasil que é um país que foi construído em função do desenvolvimento das atividades agrárias e que ainda hoje a agropecuária exerce importância no PIB do nosso país.



REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. 3 ed. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **A questão agrária**, 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- VERGOPOULOS, Samir Amin K. **A questão agrária e o capitalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.